

Música e sociabilidade na Maré a partir de três estudos de caso recentes

Bruno de Carvalho Reis et alli¹
carvalhoreis@hotmail.com

Resumo

Apoiado em metodologia participativa inspirada em Paulo Freire, este trabalho reflete sobre pesquisa recente de práticas musicais na Maré, Rio de Janeiro, realizada por equipe constituída por uma maioria de moradores do local. As estratégias utilizadas envolveram a observação participante em eventos musicais, a realização de entrevistas abertas com públicos, músicos e gestores culturais, e o uso de registros depositados em arquivo local. Os focos de investigação foram os locais, os públicos e os músicos em diferentes gêneros e estilos, destacando-se aqui três estudos de caso que ilustram a articulação entre o som em geral, a música e outros aspectos da via cotidiana marcada pela violência e a integração perversa à cidade.

Palavra-Chave: Etnomusicologia - Pesquisa participativa - Comunidades.

Abstract

Based upon participatory methodologies inspired on Paulo Freire's work, this paper reflects upon recent research on musical practices at Maré, Rio de Janeiro, undertaken by a team constituted of a majority of local residents. The employed strategies encompassed participant observation in musical events, open interviews with the public, musicians, and cultural agents, and the use of records deposited in a local archive. The research focus were places, publics and musicians in different styles and genres, highlighting, through three selected study cases, the articulation between sound in general, music and other aspects of a daily life affected by violence and by a perverse integration to the city as a whole.

Keywords: Ethnomusicology - Participatory Research - Communities

A presente comunicação pretende dialogar sobre as questões referentes às práticas musicais dos moradores da Maré, tomando como ponto de partida uma pesquisa que articulou três frentes de trabalho, os músicos, os locais de eventos e público participante. Procuramos, nesse sentido, descrever e analisar de forma comparativa os espaços em que ocorrem as atividades de música no bairro, suas semelhanças e contrastes, bem como discutir a violência local, as dificuldades dos músicos em relação a suas atividades e sustentabilidade, além da estigmatização vivida pelos moradores das favelas.

Este texto é resultado do trabalho coletivo de pesquisa realizado pelo grupo Musicultura. Este grupo é formado por graduandos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e estudantes do ensino médio, moradores do bairro Maré em sua maioria, e provém de uma parceria entre o Laboratório de Etnomusicologia da Escola de Música da UFRJ e o Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM).

¹ Co-assinam o trabalho Alexandre Dias da Silva, Ana Paula Chuengue Gonçalves, Caroline Cardim Gonçalves, Daniely Cristina Bispo, Diogo Bezerra do Nascimento, Elvis Galdino Félix, Érika Ramos da Silva, Fabiano Aguilã, Felipe Lack da Silva, Geandra Nobre do Nascimento, Igor de Almeida Basílio, Isabel Cristina Dantas dos Santos, Isadora Ribeiro de Souza, Jefferson Silva de Paulo, Jéssica Alves David da Silva, Jéssica Moreira da Conceição, Leandro Custódio de Moura, Luis Antonio Matias da Silva, Marcelo Rubião de Andrade, Mariluci Correia do Nascimento, Samuel Araújo Severino, Schneider Ferreira Reis de Souza, Rudá dos Santos Brauns, Thuanny da Mota Gonçalves e Tuane da Silva Nascimento.

Orientados e provocados, através da pedagogia de Paulo Freire, por um professor de música ligado a este Laboratório, e partindo da visão paulofreireana de educação, os co-autores desta pesquisa desenvolvem um planejamento aberto de ações. Isso significa dizer que o delineamento do objeto e o desenvolver da pesquisa vêm sendo construídos coletivamente, pelo conjunto de seus participantes, em sua maioria, moradores da comunidade pesquisada.

A Maré e as favelas no Rio de Janeiro de hoje

O bairro Maré, também conhecido como Complexo da Maré no jargão policial, é formado por cerca de 132 mil habitantes divididos em 48 mil domicílios, segundo dados do Censo Maré 2000²: Quem somos, o que queremos e o que fazemos? Sua localização relaciona-se com as principais vias de acesso à cidade do Rio de Janeiro, já que se situa entre a Av. Brasil, principal porta de entrada da cidade, a Linha Vermelha, via expressa que liga o aeroporto internacional Tom Jobim à Copacabana, e a Linha Amarela, que liga o subúrbio à Zona Oeste, mas especificamente à Barra da Tijuca, local dos novos ricos ou ‘emergentes’ do Rio. A Maré, segundo o censo citado, compõe-se de um conjunto dezesseis favelas, são elas: Praia de Ramos, Roquete Pinto, Marcílio Dias, Conjunto Esperança, Vila do João, Salsa e Merengue, Conjunto Pinheiros, Vila dos Pinheiros, Marrocos, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Timbau, Baixa do Sapateiro, Parque Rubens Vaz, Parque União, Novo Parque, Portal da Ilha. O grupo identificou cinco comunidades que não foram citadas: Nova Holanda, Nova Maré, Parque Maré, Portelinha e Paraibuna. Estas comunidades, apesar de possuírem formação histórica e sócio-cultural diferentes, foram reunidas em um único bairro através de um decreto da prefeitura do Rio. Tal fato não significa, de forma alguma, que o local tenha recebido por parte da mesma qualquer estrutura ou assistência pública diferente daquela que já possuía, construída pelos próprios moradores ou em intervenções estatais anteriores.

A ocupação do espaço onde hoje se localiza a Maré dar-se-á por volta da década de 30, em virtude do crescimento do centro urbano do Rio e a retirada dos pobres dessas regiões centrais da cidade e dos bairros mais valorizados. Neste contexto, as áreas suburbanas de antigas chácaras e locais alagadiços como mangues, são ocupados por trabalhadores pobres do Rio e outras regiões do país como norte, nordeste e do restante da região sudeste.

Em virtude da ampla variedade de aspectos culturais trançados nesse tecido social, o projeto musicultura encontra instigante diversidade de produção artística e principalmente musical para a pesquisa. Além disso, por se localizar numa região socialmente discriminada da cidade, há características próprias do bairro que interferem na dinâmica cultural do local.

Não é novidade a discussão a respeito do cerceamento do direito de ir e vir sofrido pelos moradores do bairro Maré, que vêm no seu dia a dia usurpado esta garantia básica, prevista na Constituição Brasileira. Contudo, e infelizmente, este tema não recebe a atenção devida da opinião pública, e a imprensa parece apenas se posicionar quando a questão atinge determinadas camadas da sociedade não expostas cotidianamente ao mesmo problema. Exemplo disso foram os recentes casos de mobilização contra as milícias armadas que atuam nas favelas do Rio de Janeiro. A ação desses grupos armados, formados principalmente por policiais, bombeiros e ex-policiais, restringindo a garantia de direitos básicos dos moradores em locais “dominados” por eles, já vinha há muito tempo sendo denunciada por diversos movimentos sociais, mas parecia haver um absoluto silêncio sobre o tema na grande mídia. Esta passou, no entanto, a dar destaque à questão somente depois do fatídico episódio em que repórteres da equipe do jornal *O Dia* foram barbaramente torturados por alguns destes indivíduos. Assim também aconteceu quando, em julho de 2008, os jornais passaram a debater a limitação do direito de ir e vir nas favelas depois que traficantes armados coagiram repórteres que acompanhavam a equipe de um candidato a prefeito na favela Vila Cruzeiro, no Rio de Janeiro.

Como se não bastasse o silêncio da mídia sobre a situação de total suspensão de direitos em que vive a maioria da população das favelas do Rio, ela também ajuda a manter esta situação, ao consolidar determinados valores na sociedade e criar um novo inimigo público, identificado pela cor da pele e local de moradia. O discurso de que “estamos em guerra”, traz o pressuposto de que neste estado tudo é permitido, inclusive o desrespeito aos direitos humanos. Além disso, nessa “guerra”, o território do “inimigo”, onde não existem leis a se respeitar, é a favela. Naturaliza-se, neste sentido, até mesmo a morte, principalmente a daqueles considerados diferentes de um determinado “nós”.

² Este Censo, publicado em 2002, foi realizado pela ONG Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré em parceria com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Pesquisa musical e ação social

E o que toda essa discussão tem a ver com a pesquisa sobre a música na Maré? Tudo. Em entrevistas realizadas com músicos, público e organizadores de eventos musicais na Maré, repetidas vezes veio à tona a questão da violência causada pela divisão do tráfico de drogas e pela violência policial na região, e a interferência desta nos hábitos dos moradores locais. Dentro deste contexto, já pode se apontar, por exemplo, que parece haver diferentes gradações no usufruto do direito de ir e vir da população local, de acordo com os estilos musicais com os quais mais se identificam. Durante esta fase da pesquisa, observa-se, por exemplo, a existência de uma espécie de *salvo conduto* que pode ser vivenciado por um grupo de roqueiros locais, situação oposta ao que parece não existir em relações aos frequentadores de eventos associados a outros gêneros, como, por exemplo, pagode. Esta questão tem nos chamado à atenção e mostra que uma pesquisa musical de cunho etnográfico pode ser muito mais rica para entender uma realidade local, pois usando a música como foco, se discutirá temas que estejam mais direcionados à comunidade como um todo, gerando um debate sobre o próprio espaço de moradia, num processo de auto-reflexão. Isso possibilita, no caso de nossa pesquisa, que nos tornemos sujeitos ativos, e, por exemplo, junto a outros moradores, passemos a participar de ações contra a criminalização da pobreza, como foi o caso do último evento público em que o grupo Musicultura participou, o *Ato Pela Vida e Contra o Extermínio*, realizado na Igreja da Candelária, no centro do Rio de Janeiro, quando completou-se um ano da Chacina no Complexo do Alemão, ocasião em que 19 pessoas foram mortas com 78 tiros, sendo que 32 deles disparados pelas costas, além de nove feridos – incluindo crianças – num único dia.

A participação do grupo em atividades como esta, vai ao encontro da “pedagogia libertadora” de Paulo Freire, propondo acima de tudo o diálogo, em que todos são educadores e educandos, como base de uma ação social refletida. Esta pedagogia tem sido empregada em nosso processo de trabalho, que consiste em pesquisar, estudar, arquivar, tornar pública e debater as questões que envolvem a música e as relações sociais, políticas e culturais da comunidade.

O acervo construído ao longo da pesquisa foi montado de forma coletiva por integrantes do grupo e moradores da Maré que contribuíram também com doações. Dentre os materiais disponíveis, encontram-se: imagens de locais onde existem práticas musicais, paisagens sonoras, vinis, CDs, entrevistas realizadas por membros do grupo com músicos da região, dançarinos, produtores e frequentadores de uma forma geral. Há também, uma pequena biblioteca, com livros obtidos através de doações diversas. O acervo de fotos constitui também a própria história do grupo, registrando as diversas pessoas que já o integraram.

Nesse sentido, articulando a formação teórica e a participação política, esta pesquisa pretende disponibilizar as informações coletadas para os moradores, instituições comunitárias e escolas públicas, assim como elaborar materiais didáticos, construir um mapa cultural e utilizar o banco de dados como recurso na provocação de debates mais gerais de interesse da comunidade, como, por exemplo, questões relativas à cidadania, violência e desemprego.

Por serem em sua maioria moradores da Maré, os participantes do Musicultura se constituem em pesquisadores e pesquisados, e aprendem a se relacionar com sua comunidade de forma diferenciada, entendendo suas relações enquanto faz parte delas. Isto possibilita uma diversidade grande de opiniões sobre a realidade local, o que enriquece a pesquisa como um todo. Além disso, o fato de nossa análise ser desenvolvida por moradores locais nos permite que possamos observar determinadas nuances que podem ser imperceptíveis por outros pesquisadores. Por exemplo, ao pesquisar a respeito do público existente em determinado evento, sem entrevistas, um observador poderia descrever a faixa etária aproximada, suas percepções de gênero, de comportamento ou vestimenta dos participantes. A nós, além de ser possível observar todas estas coisas de um ângulo mais próximo, será permitido saber também se ali existem pessoas de diferentes favelas da região e quais são músicos da região, o que nos é possível pelo fato de sermos nós também, moradores locais e conhecedores de parte do público presente.

Locais, estilos e públicos: três estudos de caso

Tomando como primeiro estudo de caso a Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, instalada pela prefeitura municipal no bairro da Maré, comunidade Nova Maré, pode-se discutir, entre outros temas, a questão das dificuldades de acesso ocasionadas pela localização da mesma que fica situada numa região de “fronteira” entre facções rivais, sendo uma área de intensos conflitos armados. Em nossas pesquisas,

baseadas em observação participante e entrevistas, evidenciou-se ser esse um dos principais motivos de os moradores não freqüentarem assiduamente este espaço cultural.

A maneira como o poder público municipal investe na cultura da região dificulta ainda mais a relação entre a lona, os artistas e o público, pois, pressupondo que o espaço pode se auto-sustentar com a arrecadação da bilheteria, a prefeitura desconsidera o fato de a lona se situar num local que desfavorece a freqüência do público. Assim, segundo depoimentos dos próprios gestores, não há retorno financeiro para contratação de shows. Além disso, por não haver segurança para o público nem para os artistas, há uma grande dificuldade em convencer empresários a trazer artistas conhecidos da grande mídia para atividades que acontecem dentro do espaço. Na maioria das vezes, os eventos são feitos com artistas locais, que, mesmo com pouco incentivo financeiro ou logístico, participam dessas atividades.

Contudo, com toda dificuldade de acesso ao local, o público de rock ainda é o que mais freqüenta os eventos na Lona Cultural, segundo os dados constatados não só através de observação participante, mas também em entrevista com o músico e diretor da Lona, Edilson Ernesto. O público desses eventos parece ser constituído, em grande parte, por integrantes e/ou amigos de pessoas que fazem parte de bandas locais, que interagem entre si desde a divulgação dos eventos até a realização dos mesmos.

Os motivos pelos quais determinados grupos parecem poder transitar com mais liberdade, entre as comunidades da Maré, ainda estão sendo pesquisados, mas algumas hipóteses já se levantam: Teria isto a ver com a “atitude” de transgressão do movimento rock? Seria este grupo identificado por toda a população local como “diferentes”, portanto não submetidos aos hábitos e receios do resto da população? A vestimenta e/ou comportamento destes indivíduos interferem na relação roqueiros versus demais moradores? Existiria alguma ligação entre determinados estilos musicais e a divisão entre facções do tráfico de drogas, que faça com que determinados grupos possam transitar livremente e outros não?

Ainda no que concerne à questão do estudo de locais onde se desenvolvem práticas musicais na Maré, dedicamos um segundo estudo de caso a outro espaço destinado ao rock e seu público, um determinado bar que serve de referência como espaço dedicado ao rock na região. Trata-se do Bar do Zé Toré, localizado na comunidade do Morro do Timbau, mais precisamente no Largo do IV Centenário. Depois de algumas idas a campo, pôde-se notar uma certa periodicidade de eventos públicos, que atraem um número considerável de pessoas ao local. Algumas entrevistas apontam para a hipótese de que esta diferença no público freqüentador se justifica pelo fato de este bar se encontrar numa comunidade mais distante da “fronteira”. Neste local, destaca-se o fato de ser um evento aberto, que acontece na rua, sem construção de palco necessariamente, o que permite uma grande interação e participação do público com os músicos, muitas vezes confundidos uns com os outros. Apesar da existência de um Posto de Policiamento Comunitário (PPC) nos arredores do Largo, e da possível presença de traficantes armados na região, o evento acontece de forma pacífica sem intervenções de nenhuma das partes. É importante ressaltar que a rua permanece aberta ao trânsito de veículos e pedestres, e em nenhum momento é fechada para que se realizem tais acontecimentos musicais, que duram toda a noite, sem que haja interferência dos moradores da rua em questão.

O evento é promovido pelos próprios freqüentadores do local com o incentivo do dono do estabelecimento, que segundo algumas opiniões, seria uma espécie de “mecenas”, um fomentador dos eventos. Assim, criou-se uma identidade do local como espaço de referência do estilo musical do rock na região. Por outro lado, outros freqüentadores questionam a benemerência do incentivo, chamando atenção para o lucro financeiro trazido pelo aumento da venda de seus produtos todas as vezes em que “apóia” as atividades locais. A própria Lona Cultural, recentemente promoveu um evento chamado “Palco Móvel” no espaço onde estão vinculados os shows, em frente ao bar. Segundo um dos responsáveis pela atividade, isto aconteceu em função dos impasses causados pela já comentada dificuldade de acesso à própria lona.

A Casa de Cultura da Maré, nosso terceiro estudo de caso selecionado, é outro espaço em que se exercem práticas musicais na região. A sua localização é considerada mais “fácil” pelos moradores das comunidades. Está próxima à Avenida Brasil, e se encontra em uma avenida central de passagem de pessoas e veículos pelo bairro, com destino ao campus universitário da UFRJ e Linhas Vermelha e Amarela. Contudo, ainda assim permanece com um número pequeno de freqüentadores nos eventos musicais que realiza. A falha na divulgação dos eventos da casa e a falta de periodicidade nas realizações dos mesmos foram os principais motivos apontados pelos freqüentadores do local, para a escassez de público nos eventos.

A Casa de Cultura pertence ao Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré, ONG criada por moradores e parceira do Laboratório de Etnomusicologia da UFRJ no desenvolvimento da pesquisa aqui enfocada. O CEASM recebe financiamento do Ministério da Cultura, enquanto Ponto de Cultura, para produzir e articular atividades artísticas na Maré. O espaço surgiu de um empréstimo em comodato à ONG,

feito pela proprietária de uma antiga fábrica de peças de navios abandonada. Os principais eventos que ocorrem no local estão ligados à instituição e seus colaboradores, alguns dos quais músicos dedicados a atividades de formação em sua área. A Casa de Cultura é composta hoje de um museu (Museu da Maré) que abriga materiais que são referenciais dos aspectos históricos e culturais das favelas do bairro, também abriga oficinas de teatro, dança e música, porém com pouca articulação com os artistas locais. Suas atividades abertas parecem não atrair tanto o público do bairro. Cabe aqui perguntar: será que essa escassez não se deve ao fato de o referencial de cultura adotado não dialogar com a cultura local? Os organizadores parecem optar por realizar espetáculos e atividades relacionados a uma cultura de cunho mais “universal” ou geral e socialmente mais aceita, muitas vezes despreendida dos aspectos sócio-culturais da região.

O Musicultura também está presente na Casa de Cultura, sede das atividades do grupo, porém as trocas de referenciais entre as duas iniciativas ainda não se deram de forma ampla e satisfatória.

O rock na percepção dos músicos da Maré

Em entrevistas individuais e coletivas com algumas bandas de rock do local (uma delas com três bandas simultaneamente), discutimos a respeito da profissionalização dos músicos da Maré – que, em sua grande maioria, também são compositores –, todos declarando não encontrar na música uma forma de auto-sustento, o que gera a necessidade de recorrer a diversas outras atividades sem qualquer ligação com a música para se manterem. Há entre eles, por exemplo, músicos que exercem a profissão de padeiro, auxiliar de prótese dentária, repositor de supermercado, entre outras.

No que diz respeito à infra-estrutura para a produção musical, percebe-se a falta de investimento em estúdios para ensaios e gravações, por isso, muitas das vezes as bandas ensaiam e fazem suas gravações em espaços improvisados, como cômodos de suas casas, nas lajes, em garagens, etc.

Grande parte dessas bandas que compõem o cenário rock da Maré sofre direta influência de outras bandas estrangeiras, o que é refletido em sua forma de se vestir, cantar e se comportar. Também podemos ver essa ligação através da formação das bandas, que possuem em sua maioria bateria acústica, contrabaixo elétrico, guitarra elétrica e voz. Dentre essas bandas existem vários estilos musicais divididos em *Punk Rock*, *Hardcore*, *Death Metal*, *Black Metal*, *Heavy Metal*, *New Metal*, *Hard Rock*, *Emocore*, entre outros. Contudo, é importante ressaltar que, das bandas que possuem músicas autorais, a maior parte das letras são em português, e falam sobre o dia-a-dia dos moradores e seus problemas e dificuldades cotidianas. Existe também um espaço para bandas de rock que mesclam guitarra, contrabaixo e bateria com cavaquinho e instrumento de percussão, tipicamente brasileiro, o que indica, segundo nossos interlocutores, a presença na Maré de uma vertente chamada samba-rock.

No que se refere ao público das bandas de rock da Maré, podemos destacar que apesar das muitas diferenças e subdivisões entre os estilos existentes, o mesmo permanece unido e é possível reunir num único evento bandas de estilos variados. Segundo Ribeiro, em seu estudo sobre o cenário do rock em Aracaju³, isto raramente ocorreria em outros países, devido às diferenças ideológicas entre os estilos. O autor afirma que isto ocorre principalmente pela “carência de público e falta de espaços para realização de shows e pessoas dispostas a produzir esses eventos”. Este cenário de carência de espaços e de pessoas dispostas a produzir shows é semelhante ao encontrado atualmente na Maré.

Continuidade da pesquisa: fontes, questões e abordagens

No ano de 2006, entre os meses de julho e agosto o grupo de pesquisa aplicou 926 questionários aos moradores da Nova Holanda e Baixa do Sapateiro com o objetivo de coletar dados referentes a gostos musicais, formas de acesso à música em geral, bandas e músicos locais e seu reconhecimento junto ao público da região. Os resultados dos questionários servem, a princípio, como parte do acervo do Musicultura, e o término da análise dos dados fornecerá relevantes informações sobre o tema.

Algumas observações a respeito das respostas fornecidas pelos moradores, apontam para questões interessantes no que se refere ao processo de identidade da favela. Aqui nos referimos a análise de duas perguntas distintas do questionário, a primeira indagava o estilo musical preferido do entrevistado e a

³ RIBEIRO, Hugo Leonardo (pdf) - Notas Preliminares Sobre o Cenário Rock Underground em Aracaju-SE. Acessado em [http://www.hist.puc.cl/historia/iaspm/rio/Anais2004%20\(PDF\)/HugoLeonardoRibeiro.pdf%20](http://www.hist.puc.cl/historia/iaspm/rio/Anais2004%20(PDF)/HugoLeonardoRibeiro.pdf%20) em 15 de julho de 2008.

segunda quais as músicas ele achava que os moradores da Maré mais ouviam. Neste ponto, encontramos respostas que consideramos contraditórias, pois apesar de, na primeira pergunta verificarmos respostas variadas, tais como forró, pagode, gospel, samba e etc, no segundo caso grande parte das respostas citavam apenas o funk.

Nos perguntamos aqui, se esta contradição não se deve ao estereótipo que se criou sobre alguns estilos musicais que caracterizam ou representam para muitas pessoas, a favela em si. Falamos neste momento de determinado estilo, o funk, que a mídia mostra muitas vezes sendo obrigatória e originalmente pertencente às favelas.

Em nossas pesquisas etnográficas, percebemos considerável influência musical e cultural do nordeste, provavelmente devida à origem de grande parte da população residente. Esta influência se reflete em diversos locais e práticas musicais, onde o gênero forró predomina. Nesses espaços, se reúnem grande número de pessoas que se identificam com este estilo musical, trazendo aspectos culturais regionais, como, por exemplo, comidas e danças, o que torna o ambiente familiar com pessoas de todas as idades. A prática musical do forró se dá em espaços geralmente abertos com concentrações de barracas e ambulantes. A área também caracteriza-se pela presença de grandes caixas de som onde o volume permanece em alta intensidade no decorrer da noite. A existência destas práticas ligadas ao forró, assim como as de rock, citadas anteriormente, demonstram que a preferência dos moradores não é limitada somente ao funk, antes, há uma riqueza na diversidade das preferências e processos de produções musicais.

Durante esse trabalho nos foi possível levantar uma série de questões e reflexões a respeito da associação entre espaço de moradia, sociabilidade e estilos musicais. A importância da contemplação em três frentes nos permitiu manter o trabalho do grupo em conjunto, pois são frentes distintas que conseguem unir-se através de sua proximidade na relação com a música. Mantendo a proposta de um trabalho coletivo, pôde-se então utilizar uma dessas frentes como um início para abertura de discussões, conseguindo desenvolver uma mentalidade mais crítica, que observa fatores presentes no mundo musical da Maré e os utiliza como fonte para questionamentos políticos e sociais, conseguindo com isso uma visão mais ampla do objeto pesquisado, do mundo envolvido e também do pesquisador. Assim, com o nosso trabalho, procuramos demonstrar como é possível a democratização da sociedade e do Estado, em particular das universidades públicas, na construção de um conhecimento participativo, e voltado para os interesses dos setores populares da sociedade.